

XXX CURSO INTERNACIONAL SOBRE DESARROLLO,
PLANIFICACION Y POLITICAS PUBLICAS.

Organizado por el Instituto Latinoamericano y del Caribe de Planificación Económica y Social (ILPES) con la colaboración de la Comisión Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL), el Programa de las Naciones Unidas para el Desarrollo (UNDP) y el apoyo financiero del Gobierno de Italia.

Santiago, 17 julio al 7 diciembre 1989.

Taller sobre "Políticas Democráticas
de Televisión"

NOVAS TECNOLOGIAS NA ERA DA TELEVISAO

Ingrid Piera Andersen Sarti

(*) Artigo elaborado a partir de dados obtidos através da pesquisa sobre Novas Tecnologias e as Redes de Poder na Televisao, promovida pelo IPAL, com auspícios do IDRC, em 1988. A pesquisa abrangeu um estudo realizado em 6 países, sobre coordenação da autora. Estas notas refletem os resultados do caso brasileiro.

(**) Artigo escrito para a revista Diálogos, 24, 1989. Apresentado a FELAFACS, 28, Fev. 1989, se reproduce para uso exclusivo de los participantes de cursos de la Dirección de Programas de Capacitación.

(I/90925)
IPAS/IPC



CURRICULUM

Ingrid Piera Andersen Sarti é cientista política dedicada ao estudo das relações entre comunicações e política. Suas pesquisas sobre este tema vem sendo desenvolvidas junto ao IPAL, onde acaba de coordenar o projeto sobre os conglomerados de televisão na América Latina, a ser publicado em breve. Sua obra mais recente é "Ética e política a partir das relações entre o público e o privado". Série Estudos, IUPERJ.

NOVAS TECNOLOGIAS NA ERA DA TELEVISÃO:

TELEVISÃO TAMBÉM DÁ SAMBA

Alô, alô, alô, alô, alô ô
Não se comunicou, dançou
A radiodifusão está no ar
Seu sucesso é notório
Fez tanta artista popular
Novelas, programas de auditório
Indiscutivelmente é a era da televisão
O tão distante presente
Se faz presente, satisfaz nossa visão
Até a lua lá no céu
Nos chega via Embratel

Quem não se comunica
Se trumbica e como fica
Fica na saudade, fica

(Samba do Império Serrano, Carnaval,
1987)

A expansão da televisão no Brasil consolidou-se nos anos setenta amparada pela modernização tecnológica das comunicações e pelo tipo de crescimento econômico que favoreceu a concentração da renda e a maior diversificação dos bens de luxo. "A televisão passou a significar cada vez mais o "futuro" tecnológico do sistema dos meios de informação, articulado, apesar de eventuais contradições internas, com a ideologia modernizadora do modelo de crescimento econômico".¹ Apesar da crise econômica nos anos oitenta, sua importância no cenário político-econômico-cultural em nada arrefeceu. O surgimento do vídeo como eventual substitutivo da televisão tampouco abalou o mercado televisivo brasileiro. Essa indústria cultural em permanente expansão muda de roupa conforme o baile, mas está sempre presente em todas as

festas da sociedade brasileira. À sua frente, a Rede Globo até antecipa mudanças e é capaz de absorver insatisfações e aspirações sociais, mantendo porém, sempre, seu padrão modernizante-conservador.

Enquanto nos anos setenta tentou-se uma reforma de televisão em vários pontos do continente², a televisão brasileira expandiu-se sem o apoio de uma reforma legislativa, distante das aspirações da coletividade a serviço de quem supostamente estaria. Como já uma vez afirmei, a televisão brasileira, ao mesmo tempo meio e fim de um projeto político, foi instrumento de uma mudança que nada quiz mudar, apenas assentar a poeira da liberdade sobre o chão inóspito do controle social.³ Sem ter sido "reformada", foi a própria reforma que legitimou o monopólio da fala de um só ator: o projeto capitalista voraz em sua busca expansionista e demolidor no confronto de eventuais alternativas. Enquanto buscou unificar o imaginário, a televisão brasileira foi peça fundamental na consolidação da realidade de uma sociedade multifacetada e enraizada na violência das disparidades sociais.

A transição democrática dos últimos anos preservou o perfil televisivo e as empresas de televisão, particularmente, a Rede Globo, souberam adaptar-se à nova conjuntura, demonstrando uma enorme capacidade de adaptação ao "estilo democrático", sem contudo, alterar sua prática autoritária e excludente. As eventuais mudanças no discurso modernizador revelam um esforço

de adaptação "aos novos tempos" como estratégia comercial no mercado competitivo da televisão brasileira. A década de oitenta revelaria um grau de competição muito mais acentuado entre as redes, embora a Globo mantenha seu imbatível record de audiência e continue na proa de todo o processo produtivo de televisão.

Recordemos, uma vez mais, a trajetória da Rede Globo em sua identificação com o poder, parceiro imbatível do Estado na articulação das façanhas tecnológicas. Como foi bem observado, "era o capitalismo orientado pelo Estado, em sua versão televisiva".⁴

Nos anos setenta, manteve-se colada às determinações de seu nascimento, transmitindo os efeitos do regime, como a malograda colonização da Amazônia, explorando o patriotismo da população em cada partida política da seleção brasileira de futebol e desencadeando campanhas como "Brasil, ame-o ou deixe-o". A conquista esportiva e a cobertura televisiva transformaram-se em instrumento valioso do governo em seu esforço fascistizante da sociedade brasileira.⁵ O oportunismo ou, se quizerem, o tino político da direção da emissora revelou — já em 1984 — uma sensibilidade às novas demandas da transição democrática, demonstrando que a Globo nasceu e cresceu com a ditadura, mas não caiu com ela. Como já se disse, se em algum lugar cabe a noção althusseriana de aparelho ideológico de Esta-

do, esse lugar é o Brasil e esse aparelho é a Globo.⁶ Guimarães e Amaral Vieira em instigante artigo analisam a rápida conversão da Rede Globo à nova ordem.

"De fevereiro de 84, quando se deflagrou a campanha das diretas-já, a março de 85, morte de Tancredo, são treze meses de imensa efervescência política, durante os quais os meios de comunicação, em especial a TV-Globo, protagonista principal, desempenharam papel inédito em sua história e se destacaram por sua capacidade de intervir no cotidiano extraordinariamente rico de uma crise de transição. Aparato criado pelo regime autoritário, e com ele completamente identificado, a TV-Globo exerce o inesperado papel de protagonista das oposições, com isso ampliando um arco de alianças inesperadas. Na medida em que legitimava o regime emergente, legitimava-se também junto a opinião pública. Uma nova TV-Globo surgia com uma Nova República. Os tempos do general Médici, quando aquela rede se consolidara, foram esquecidos. Há via agora apenas a memória de Tancredo Neves, e é matéria de outra reflexão que, desde então, a TV-Globo, em irônica homenagem a Althusser, seja a rede quase-oficial da Nova República".⁷

Também na avaliação da revista Senhor, "as organizações Globo continuam fazendo, hoje, o que fazem, com breves interrupções, há 61 anos, desde que o jovem Marinho herdou prematuramente o jornal de seu pai — isto é, manter-se próximo do poder. (...) Nos anos da ditadura, os jornais do Sr. Marinho chamavam o Presidente Emílio G. Médici de democrata, negavam a tortura e expurgavam Dom Paulo Arns (Arcebispo de São Paulo) e Dom Hélder Câmara (Bispo de Olinda e Recife)... E agora na chamada Nova República, fica difícil saber quem deve mais favores a quem, se Sarney (Presidente José Sarney) à Rede Globo, ou se a Rede Globo ao Presidente da República".⁸ Na mesma linha ainda o New York Times informa que "a nível nacional, (Roberto Marinho) geralmente usa seu poder para apoiar o Governo" e conclui citando uma autoridade brasileira não identificada: "Não penso que você verá Sarney tomando a iniciativa de tentar reduzir o poder de Marinho; ele é muito importante como aliado e muito perigoso como inimigo".⁹

Neste texto, procuro descrever o empenho conjunto do Estado e da Rede Globo para êxito das novas tecnologias de comunicação (NTC). Com essa análise, pretendo enfatizar a natureza autoritária do desenvolvimento das comunicações no Brasil, ressaltando o poder do grupo Marinho na proa desse processo.

O ESTADO INVESTE NAS COMUNICAÇÕES

O avanço tecnológico das comunicações foi ingrediente essencial para assegurar o êxito do projeto de modernização conservadora no Brasil. Dados da década de setenta revelam que os investimentos do Estado na área de comunicações foram absorvidos quase exclusivamente na implantação, ampliação e modernização do setor.

A maior contribuição para a televisão foi certamente a participação do Brasil, com outros noventa países, no sistema de satélite da Intelsat. Na década de setenta, o Brasil passa a

contar com 1.5 de suas cotas e a instalação terra de Itaboraí, com 3 antenas (Tanguá I, II e III). Para resolver o problema de localidades sem facilidades de implantação de microondas em visibilidade ou tropodifusão, a Embratel elaborou um sistema de transmissão/recepção do satélite para uso exclusivo do Brasil. A comunicação é feita através de "transponders" alugados da Intelsat. Cinco estações terrenas foram instaladas na área da Amazônia (Manaus, Porto Velho, Rio Branco, Boa Vista e Macaé) ainda no final dos anos setenta, quando outras nove já estavam planejadas para o início da década. Portanto, com o Intelsat, Manaus ganhou serviços completos de comunicação e entrou em rede com a Globo e a Bandeirantes, as duas emissoras que obtiveram um canal do satélite. Outras grandes cidades da Amazônia instalaram torres e também se integraram ao Brasil via Intelsat. Contudo, a menina-dos-olhos que transformou ainda mais radicalmente a estrutura de telecomunicações é o satélite doméstico Brasilsat, fixado em 1985, a 36.000km de altitude do Amazonas, convertendo o Brasil em primeiro país latino-americano e décimo no mundo com satélite próprio em órbita. Uma vez que o sinal do satélite brasileiro chega ao país quatro vezes mais forte do que o Intelsat, para começar, desaparecem os efeitos típicos de baixa potência de transmissão (voz fanhosa e chuviscos, no caso da televisão, e dificuldade de escuta, na telefonia). Além da melhor imagem, seu custo é menor, porque requer uma antena de apenas 2,5m (para o Intelsat seria preciso só uma de 6m).¹⁰

O mercado de antenas parabólicas tomou impulso a par

tir do lançamento do Brasilsat, saltando de 10 para 100 por mês, e injetando novo entusiasmo na indústria nacional de telecomunicações: "A indústria de telecomunicações pode ser dividida em antes e depois do Brasilsat".¹¹ Fazendas e cidades distantes dos centros urbanos e regiões montanhosas onde a recepção de imagens de TV sempre foi mais difícil, foram, junto com os hotéis de luxo do Rio e SP, os primeiros consumidores das parabólicas, desde que sua compra foi liberada para uso individual ou coletivo. Posteriormente, quando enfim o Ministro de Comunicações, Antonio Carlos Magalhães assinou a portaria em 1986, vários hotéis e condomínios já exibiam sua antena nos terraços. A facilidade de instalação e a prática de compra coletiva nos condomínios tem impulsionado a fabricação nacional de parabólicas: no início de 1987, só no Rio havia mais de 10 firmas especializadas em construção e instalação de antenas parabólicas.¹² A programação preferida das antenas internacionais é a do canal americano gerado pela Força Aérea dos Estados Unidos (AFRTS), já que não é possível captar as 3 principais redes americanas. Via satélite, as antenas no Brasil conseguem receber imagens também da URSS (em conexão com um canal cubano através do satélite soviético Gori-zont) Chile, Argentina, Colômbia e Peru (Intelsat V) e México (Morelis), Inglaterra e Portugal (Intelsat IV F8); através do Brasilsat 1 e 2 as parabólicas são capazes de captar todas as transmissões da TV brasileira.¹³ A indústria nacional fabrica também uma antena menor, de 3m de diâmetro (a internacional tem mais de 4m) que capta exclusivamente as transmissões domésticas do Brasilsat e é comprada, em 99% dos casos, por pessoas que

moram em locais de má qualidade de recepção.¹⁴ Na tentativa de aumentar as vendas que são restritas à uma estreitíssima minoria de alta renda, algumas firmas lançaram este ano a estratégia do consórcio, em esquema semelhante ao dos automóveis: há 2 contemplados por mês, por sorteio e por lance.¹⁵

Outra vantagem trazida pelo Brasilsat é a maior rapidez da comunicação de dados de computador, beneficiando particularmente os serviços bancários. Na época do lançamento, calculava-se que pela velocidade de transmissão do Brasilsat o tráfego de 30 milhões de mensagens que circulam entre 1538 agências de um determinado banco, via EMBRATEL, poderia ser efetuado em apenas meia hora.

Sem dúvida a televisão e seus dois grandes conglomerados, Globo e Bandeirantes, foram os grandes beneficiados pelo satélite Brasilsat. Para os quase 600 municípios brasileiros — 15% do total do país —, distantes e isolados no mapa do Brasil e alijados dos benefícios das telecomunicações, o satélite significou a possibilidade de conseguir a programação da TV-Globo, um valor aparentemente mais fundamental do que outros tradicionais, como por exemplo, a educação. É o que nos chega através de uma reportagem que relata os esforços dessas populações para captar os sinais do satélite. Quando apenas tínhamos o Intelsat, algumas comunidades montaram antenas sabendo que não teriam acesso aos serviços da EMBRATEL, apenas à televisão. Com o Brasilsat, todas as comunidades tem acesso a todos os serviços da EMBRATEL,

desde que disponham de uma antena e de uma pequena agência retransmissora. A reportagem da "VEJA" conta de um estranho mutirão liderado por um gerente do Banco do Brasil, em Alto Garças, às margens do Rio Araguaia. Foram sacos de soja — a cultura líder da região — e contribuições em dinheiro para comprar uma antena parabólica, capaz de trazer os programas da TV-Globo até a longínqua região. Outro esforço gigantesco deu-se em uma cidade ribeirinha do Amazonas. Aí o prefeito preferiu investir na antena, mesmo avaliando que seus custos dariam para construir 8 escolas no município. O importante, comenta-se, é que "o povo voltou a sorrir depois da antena... a alegria vai se multiplicar".¹⁶

Se a transmissão por satélite impulsionou a penetração da televisão, o sistema a cores assegurou o padrão de qualidade que faltava à televisão brasileira. A literatura de comunicações não deixa passar em branco a data — 1972 — quando a televisão passa a contar com o inestimável recurso técnico da cor. "A implantação da cor na TV consolida de vez o padrão de qualidade dominante da Globo. A sofisticação técnica é levada às últimas consequências e o vídeo ganha a mesma plasticidade inofensiva dos cartões postais. Tudo é lindo, arrumado, brilhante, colorido, moderno".¹⁷ A Rede Globo pos no ar a mais cara e a primeira novela a cores do Brasil, pouco depois de ter efetuado a também primeira transmissão colorida via satélite, para a América Latina, em 1970. Nesta época, a Globo, assim como as outras emissoras, contavam com a experiência das técnicas de vídeo, cu-

jos efeitos na reformulação dos padrões televisivos são bastante conhecidos. Desde 1987, um novo conceito foi introduzido nos hábitos dos telespectadores brasileiros: a televisão estereofônica.¹⁸ O Brasil passa a ser o 4º país a adotar essa tecnologia, depois do Japão, em 1978, da Alemanha e dos EEUU, em 1984. O padrão aqui adotado foi o norte-americano, BTSC (Broadcasting Television System Committee), para oficializar as transmissões estereofônicas, segundo escolha do Ministério de Comunicações. Desde 1985 a Philips e a Telefunken passaram a fabricar televisores preparados para receber som estéreo e em abril de 1987, a Rede Manchete iniciou as transmissões em som estéreo, gastando para isso US\$ 1.4 milhões. As transmissões estereofônicas ainda são limitadas a algumas horas por dia devido ao alto custo dos programas. Atualmente a TV Manchete transmite em som estéreo só para Rio e SP, alguns programas especiais e os filmes do horário nobre das sextas e dos sábados. Para as empresas que lançaram os aparelhos de som estereofônico no mercado de televisão, este é um investimento seguro por ser "a evolução natural" de um mercado particularmente voltado para os consumidores que possuem videodisco e videocassette estereofônicos.

Outra tecnologia que vem sendo desenvolvida recentemente e que se espera esteja avançada em 1990 é o sistema de comunicação via cabos de fibra óptica e digitalização. Pequenos sistemas experimentais por fibra ótica existem em sete cidades brasileiras, desenvolvidos pela Embratel, desde 1987.¹⁹ Um sistema especial de fibras óticas para transmissão de sinais de

televisão com tecnologia totalmente nacional foi desenvolvido pelo Centro de Pesquisas e Desenvolvimento da Embratel. É o Elo-TV, que já foi passado para as empresas brasileiras encarregadas da fabricação dos equipamentos de transmissão e recepção de imagens. O primeiro teste realizado com o Elo-TV deu-se ao acaso na inauguração da Bandeirantes, em Brasília. Apesar de toda a positividade do novo sistema, acredita-se que demorará alguns anos para que ele seja definitivamente implantado no Brasil.²⁰

Embora seja uma forte reivindicação de setores sociais ligados às comunicações, o sistema de tv a cabo não existe no Brasil, como ainda não existe método algum que permita a diversidade de programação e autonomia maior do telespectador. Este é um tema obscuro na história das telecomunicações brasileiras, pois consiste uma reivindicação de vários setores envolvidos, particularmente dos produtores independentes, que lutam por uma forma de atingir o público de televisão e vêm no serviço segmentado de comunicação essa oportunidade. Seja por cabo, por UHF, ou por satélite, o serviço segmentado, por assinatura, seria uma fórmula de romper o monopólio das grandes redes e assim aumentar a diversidade e pluralidade que tanta falta fazem à televisão brasileira. Um dos candidatos a TV a cabo, Walter Clark defende o sistema segmentado por ter a democratização da televisão como principal função, através da possibilidade de receber até 100 opções pelo cabo coaxial e 140 pela fibra ótica.²¹ Durante muito tempo esperou-se que um projeto de TV por assinatura fosse aprovado, enquanto corria solto o boato de que Roberto

Marinho sempre impediu sua aprovação. Se me é permitida a especulação, lembro o dito popular que "todo boato tem um fundo de verdade" e considero a hipótese de que a segmentação da televisão não interessa ao monopólio da Globo num primeiro momento; posteriormente, sob a pressão das novas tecnologias de comunicação, posso imaginar o empresário adaptando-se aos novos tempos sempre, mas sem jamais perder o controle dos novos processos. Os acontecimentos parecem confirmar minha hipótese. Primeiramente, quando já pouco se esperava o presidente Sarney baixou um decreto²² autorizando o funcionamento da televisão por assinatura, como forma de expandir o mercado de trabalho e a possibilidade do público dispor de programas de nível mais "acurado", segundo a exposição de motivos do Ministro de Comunicações.²³ O decreto não prevê uma interferência maior do Estado em seu funcionamento, do que aquele reservado aos serviços de radiodifusão no código de telecomunicações. Isto significa dizer que ao executivo cabiam os direitos de concessão dos canais, direitos estes que devem ser avaliados pelo Congresso, depois da Constituinte. Apresentado como um serviço empresarial, o Estado omite-se quanto aos preços assim como à programação a ser adotada, mas prevê a participação da publicidade "para obter uma modicidade de preço da assinatura".²⁴ O decreto não esclarece, mas como o Ministério é responsável pelas concessões e a Embratel centraliza todos os serviços, supõe-se que a TVA não será por cabo mas por ar. Para o especialista Cândido José Mendes, atuante na luta pela conquista desse serviço, a TVA deveria desenvolver-se através do uso da frequência de UHF, mais barato e mais viável

operacionalmente. Mas tanto ele como outros empresários do setor ficaram à espera de que essa lacuna de informação sobre como seria a criação da TVA no país fosse preenchida.²⁵ O produtor independente responsável pelos grandes sucessos da Rede Manchete, Walter Salles Junior, enfatiza o velho aspecto das concessões como determinante do rumo desse mercado; "do ponto de vista da produção, se esses canais forem bem distribuídos, vai haver uma demanda crescente de programas muito mais dirigidos e que aprofundam os temas escolhidos de forma muito mais contundente do que as emissoras comerciais. Evidentemente tudo dependerá de quem ganhar as concessões ou vencer as concorrências. A abertura de novos canais pode ser a democratização de televisão brasileira, mas pode ser também a expansão dos feudos eletrônicos já existentes".²⁶ Os fatos mais recentes indicam que a TVA foi planejada e implementada de modo a evitar a expansão do mercado e fortalecer os conglomerados de comunicações. Sem a abertura de concorrência pública e um mês antes que fosse promulgada a Constituição, o Ministério de Comunicações concedeu dois canais: um à Editora Abril, outro às Organizações Globo, que ficou com o canal 50. Para operar a TVA, a Globo criou uma nova empresa, a Paulista Metro TVA. A programação nos dois canais é mantida em sigilo, sem previsão de data para seu funcionamento.²⁷ As imagens serão transmitidas por ondas UHF, o que não deixa de ser uma maneira de controle do Estado sobre as experiências que se vinham realizando, particularmente em São Paulo, onde emissoras pioneiras funcionavam em UHF como repetidoras das grandes redes. Várias emissoras aguardam sua entrada em canais de UHF, mas ago-

ra deverão ser submetidas à legislação específica da TVA, já contando com a Rede Globo na concorrência. Tanta esperança havia no sentido de que o sistema de UHF viesse a realizar "a reforma agrária do ar", ocupando o espaço improdutivo que é de domínio público. "Esgotadas as possibilidades de expansão do modelo convencional da TV, os canais numerados de 14 a 84, que constituem o espectro do UHF, podem se converter no espaço mais apropriado para uma reivenção da televisão e início de um processo de democratização da informação que é condição imprescindível para a democratização geral da sociedade". Para isso, seria necessário que se reservasse o espaço de UHF "para a inteligência, para a diferença e para a expressão coletiva, antes de que as redes comerciais estrangulem o que resta da respiração no ar".²⁸ Mas a legislação aprovada pela Constituinte, ao não impedir que os proprietários das redes comerciais possam o ser também dos canais de UHF, legitimou o continuísmo do privilégio, da mesmice e da expressão pública dos interesses individuais. É preciso fôlego para que a luta continue, porque as novas tecnologias de comunicação impõem-se na evolução de um processo mundial sem encontrar as condições de um solo fecundo de democratização na sociedade brasileira. Por terra, por ar ou por satélites, a década de oitenta registra a expansão do poder oligopólico das telecomunicações no Brasil.

O BRILHO DA TECNOLOGIA NA "VÊNUS PLATINADA"*

As condições político-financeiras privilegiadas da Rede Globo e a racionalidade empresarial que também é sua marca, fizeram com que a Globo aliasse seu desenvolvimento tecnológico particular à empreitada do governo, bem sucedida no impulso às telecomunicações. Já na década de setenta, fase dos grandes investimentos em equipamentos, criou a Central Globo de Engenharia, um departamento cuja função é a de dar suporte técnico à rede. O diretor Fiuza esclarece seu papel técnico. "Com tudo depende de concessão governamental, tenha uma relação muito íntima com a parte do governo. Faço uma espécie de intermediação entre a televisão produto e o consumidor, que é o público, através de ligações com a EMBRATEL, Ministério das Comunicações. É uma ligação técnica, embora eu não possa me abstrair do aspecto político do problema". Fiuza enfatiza a preocupação com o desempenho tecnicamente perfeito que distingue a produção da Globo. "Fazer, executar, implantar, instalar aquilo tudo e, no futuro, estar sempre atento para que ela seja uma estação que tenha uma cobertura, um funcionamento tecnicamente perfeito. E sempre que surgir uma novidade nesse campo, novas antenas, novos tipos de transmissores, tenho de estar atento, para adequar essa estação à uma nova filosofia técnica".²⁹

* Assim é chamada a Rede Globo.

A divisão de Comunicação da Rede Globo é ainda outro departamento, encarregado de vender o próprio produto tão sofisticado que comercializa: a Rede Globo. Conta para isso com uma agência de publicidade própria também, a Agência da Casa. "A Agência dentro de casa responde com muito mais agilidade e velocidade. E televisão é velocidade".³⁰ Sob a coordenação desta divisão, há um prédio ao lado da emissora no Jardim Botânico destinado à pós-produção. O diretor Magaldi explica sua importância. "Hoje em dia o programa não é mais gravado em sequência normal, é feito por pedaços em locações, em externas, em outras cidades. Tudo isso é conectado à sonoplastia, então existe um outro local que não trabalha com câmeras, com artistas, mas que trabalha fora do horário real, onde se pega um monte de fitas e tapes gravados na maior desordem e se coloca na ordem certa com tempo justo e música. Isso é pós-produção, um negócio totalmente à parte da gravação e da produção".³² Da divisão de Comunicação faz parte um dos maiores trunfos da Rede, o Departamento de Programação Visual dirigido pelo austríaco Hans Donner, o mago tecnológico.

A magia dos "bits" da Globo remete-nos diretamente ao papel fundamental do computador na sua programação. De fato, a Globo apostou e investiu pesado na computação, em todas as áreas de produção, passando pela comercialização e chegando aos efeitos visuais com todo brilho e eficiência. A TV-Globo já surgiu com inovações técnicas e não largou mão de sua incomparável primazia tecnológica no mercado televisivo brasileiro. Em 1965,

o EDITEC — editor eletrônico — acompanhava as 3 unidades de VTs, imprimindo outra qualidade às programações jornalísticas da emissora. Outras inovações foram o Teleprompter (conjunto para leitura de textos), o Telechrome (para produzir efeitos especiais), ciclorama (para gerar fundo infinito), controle móvel de iluminação, o Kinerecorder (que permite transferir para filme programas e comerciais em VT, para exibição posterior), e o Cartridge (reprodução magnética de som). Não tarda muito e todo o parque eletrônico é ampliado, particularmente na Central Globo de Jornalismo, com várias unidades móveis de reportagem externa, equipadas com microondas que permitem maior mobilidade e link direto da imagem do local de tomada com os estúdios. Atualmente, o telejornalismo da Globo pode gerar gráficos e ilustrações com o uso de um micro para computação gráfica desenvolvido e construído dentro da própria emissora. Isto porque a Globo não só compra o equipamento mas adapta-o com base nos estudos realizados em seu Centro de Pesquisa e Desenvolvimento, que trabalha com computação gráfica desde 1978. Graças a este Centro, a Globo atingiu a posição de emissora mais informatizada do Brasil e da América Latina. Nesse espaço, ao lado da emissora no Jardim Botânico, Donner e Dias, o engenheiro e estatístico, coordenam uma equipe de 23 pessoas, formada por engenheiros, arquitetos, artistas plásticos, matemáticos e pessoal de computação.

Há ^{de} dez anos, Donner desembarcou com a função de criar a programação visual da emissora. Hoje, ele é citado em revistas alemãs, americanas e japonesas como um inovador na arte

do "computer graphics". Depois de expor seu trabalho em Paris, Londres, Nova York e outras metrópoles, Donner é tido como autor do melhor grafismo computadorizado do mundo. São as vinhetas das novelas, do "Jornal Nacional", das séries, do "Fantástico", são, enfim, logotipos, vinhetas e aberturas de toda a programação Globo seu cartão-de-visitas. Enveredando por caminhos então insuspeitos, Donner levou a Globo ao primeiro lugar em beleza mundial entre as emissoras de todo o mundo. Para seu trabalho, — "onde a fantasia é o limite" — o artista tem o apoio total da Rede. "Ele (o Boni) nunca me perguntou quanto vai custar um projeto. O mais importante é fazer o trabalho. Não tem televisão alguma no mundo que faça essa brincadeira sem limite de orçamento".³²

Para essa brincadeira, Donner substituiu o arsenal tradicional do designer pela sofisticação da moderna tecnologia. Em vez do papel, usa uma tela. No lugar das canetas, um micro computador Cromenco — que trabalha com 256 cores simultâneas e atinge até dezesseis milhões de matizes a partir de combinações. Para trabalhos que exigem maior velocidade de processamento, abandona o micro e parte para um computador de grande porte — um VAX 11.750, que até 1984 esteve estacionado em São Francisco (EUA) e a partir de maio do ano passado no Centro de Alta Tecnologia da Globo do Rio. Para completar o tratamento final de imagens, Donner dispõe de alguns periféricos altamente tecnológicos. Uma mesa computadorizada Gransvalley cuida da inserção de letras, da junção de imagens vindas de várias fitas de vídeo etc. Outra

mesa de efeitos, uma Quantel, se encarrega da virada de páginas (como na abertura do Jornal Nacional). Para as filmagens, uma câmera Oxberry semi-inteligente, com programação de movimentos e abertura do diafragma, realiza tomadas impossíveis de serem feitas através do comando humano. A adição de imagens, como as bailarinas do Fantástico que dançam sobre uma imagem gerada por computador, fica por conta de uma máquina de chromakey que, graças a um software chamado newsmatte, consegue adicionar sombras, fumaça e detalhes mínimos como um fio de cabelo — uma missão impossível de ser feita com a técnica tradicional de chroma-key. Na abertura do Fantástico, o newsmatte fez nada mais nada menos que dez sobreposições — um verdadeiro sanduíche de imagens. Apesar de ter em suas mãos o mais avançado equipamento tecnológico de TV do país, Donner não entende nada sobre a base informatizada dessas máquinas. "Nem sei o que é um megabyte", explica.

"E nem quero saber. A única coisa que me interessa é o que eu posso fazer com o hardware e o software que a Globo tem. E nisso eu estou tranquilo porque temos os melhores equipamentos do mundo".³³

Inegavelmente, a Globo joga pesado com software e hardware. A emissora investiu tanto nessa área que estimulou, inclusive, a criação de uma empresa americana, a Pacific Data Images, em Sunnyvale, California. Através de um joint-venture, que expirou em 1985, Globo e PDI criaram um pacote de programas, chamado script, capaz de construir objetos bi e tridimensionais, a-

nimar cenas, texturizar e iluminar os objetos criados. O software e a geração de imagens são tão complexos que só a abertura do "Jornal Nacional", de dez segundos, consumiu 36 horas de processamento (o tempo que a imagem demora para se formar na tela) e mais 27 horas só para programar o computador. Se a Globo fosse pagar a uma empresa especializada para realizar esse trabalho gastaria milhares de dólares. O aluguel de um VAX nos EUA, com unidade geradora de imagem com memória de um megabyte, dois megabytes de memória e unidade de disco com novecentos mega, sairia entre US\$ 2 e 10 mil, dependendo da complexidade da imagem a ser gerada. "O que Donner fez até agora não passa de brincadeira. Ele sempre usa equipamentos e programas que desenvolvemos há dois anos atrás. O trabalho de verdade começa em maio". Quem assim diz é José Dias, referindo-se à inauguração do Centro de Alta Tecnologia da Globo, que veio para dar um novo impulso às vinhetas computadorizadas da emissora.

Em entrevista, por ocasião da inauguração, Dias considerou o novo Centro um "salto tanto qualitativo quanto quantitativo para a computação gráfica no Brasil. Mantendo absoluto sigilo sobre os equipamentos adquiridos pela emissora, adiantou que serão utilizados quatro computadores ligados em rede, capazes de processar 15 milhões de informações por segundo (MIPS). Com essa rede Dias assegura que conseguirá tirar cinco minutos de imagens para a TV por mês. Para se ter uma idéia de como esse hardware é poderoso, o VAX que estava em São Francisco processa dois MIPS e demora um ano para gerar dez minutos de imagens para

a TV, comenta Dias. Essas brincadeiras futuristas não param por aí. Ele vem pesquisando a geração de imagens para criar cenários eletrônicos. "Se conseguirmos viabilizar essa pesquisa, e vamos conseguir, a Globo não precisará mais gastar dinheiro na construção de cenários", explica. O primeiro caminho seguido por Dias nessa pesquisa, com as imagens vindas de um disco laser, já foi descartado, pois não tinham uma boa resolução para a TV. Agora, ele está usando um disco winchester de trezentos megabytes para armazenar as imagens e tem conseguido bons resultados. "Num futuro bastante próximo teremos condições tecnológicas para fazer uma novela de ficção científica, com imagens computadorizadas bem próximas do real". Reforçando o poder de fogo do Centro de Alta Tecnologia, Dias adianta uma outra peripécia da Globo.

"Estamos pensando em colorir algumas novelas antigas em preto e branco que fizeram sucesso, como Selva de Pedra. E não serão só as quatro cores usadas no filme Metrôpolis, uma técnica ridícula. Serão através de uma tecnologia muito mais sofisticada".³⁴

Se depender da Globo, portanto, ela continuará desempenhando o papel de produtor de cultura, lançando moda e mantendo o padrão de qualidade que a caracterizou até agora. Uma empresa eficiente de comunicações muda quando é solicitada, no ritmo da realidade que espelha. Como diz Roberto Marinho,

"Em televisão não se pode voltar atrás. Não podemos frustrar a expectativa e satisfação do público. Queremos fazer TV que espelhe exatamente o que o público espera que a Rede Globo seja".³⁵

E continuará exercendo seu poder de representante do imaginário nacional na proa da modernização conservadora. Enquanto isto continuar assim acontecendo, temos garantido nosso atestado de incompetência democrática. A autonomia da sociedade brasileira é profundamente dependente de seu poder de expressão e de escolha das formas e dos conteúdos de que se possa valer para comunicar seus desejos, aspirações e sonhos, não menos do que suas necessidades e carências. O continuismo de todo o processo concentracionista, autoritário e excludente das comunicações no Brasil ainda são a prova de que a transição não acabou.

CONCLUSÃO

A REIVINDICAÇÃO DEMOCRÁTICA

A expansão dos conglomerados e a manutenção de políticas autoritárias no contexto de transição democrática não conseguiram conter a pressão geral pela democratização das comunicações e particularmente, do uso das novas tecnologias. Frente à realidade das novas tecnologias, os novos atores em cena demandam a possibilidade de operar a mídia em condições de igualdade com as grandes empresas. Os movimentos sociais e os partidos políticos reivindicam sua participação nos meios de comunicação porque só através deles conseguem se fazer ouvir e ver por toda uma audiência, virtual eleitorado. A intelectualidade que durante tanto tempo ignorou "essa forma menor" de fazer cultura — a televisão — preocupa-se agora em criticar o processo autoritário, centralizador e excludente da televisão e propor uma nova forma de integrar esse meio popular tão exitoso à uma concepção democrática das relações culturais.

Mais do que mera reivindicação, há um movimento que a questão democrática impõe e se resume na tentativa de mixurar o poder dos oligopólios e ocupar cada vez mais espaço que elas monopolizam. Essa demanda é fruto das condições internas da luta pela democratização mas é também resultado do impacto das NTC,

porque a questão do uso social das tecnologias -se impõe com seu avanço. Esta afirmação implica reconhecer que a estrutura de poder vigente pode manter o controle restrito deste uso social das NTC e desta maneira, fortalecer ainda mais a modernização conservadora, o arbítrio e todas as contradições que este modelo traz imbutidas. Mas implica também perceber que com o avanço irreversível das NTC, os obstáculos a esse controle serão maiores assim como mais evidentes serão as disparidades e as desigualdades sociais: se não forem visíveis a olho nu, eles o serão nas imagens que as novas tecnologias se encarregarão de divulgar, sem bater à porta antes de entrar.

Algumas estratégias vem desenvolvendo-se por setores progressistas que buscam simultaneamente alterar a legislação e impor sua presença na mídia a despeito, às vezes da legislação, outras vezes do próprio esquema competitivo das redes entre si. A prioridade é dada para a pluralidade de ofertas que mobilizam a audiência em função de valores identificatórios de cidadania. Não se trata de oferecer a chamada "programação educativa" que tradicionalmente tem provocado tédio, mas de competir no conceito de lazer e de técnica das grandes redes introduzindo porém, um conteúdo que interpela a audiência enquanto sujeito. Parte dessa estratégia é a defesa da segmentação do mercado, de pluralidade de ofertas de programação de modo que haja espaço para a diferença de gostos e interesses. A diferença está na programação e a igualdade está na consideração do público/sujeito. Outro aspecto dessa estratégia diz respeito não mais à programa

75

ção, mas à produção e propriedade. Defende-se aqui o acesso aos meios de grupos sociais diferentes que poderiam comunicar-se com a comunidade local sobre questões específicas de interesse coletivo. Aqui, a ênfase é na pluralidade de gêneros também, já que informação não é apenas lazer.

Concluindo, podemos dizer que estas estratégias e as muitas que ainda estejam por vir são apenas parte de uma batalha muito maior que é a luta pela democratização. Mas, sem dúvida uma parte relevante porque a modernidade na América Latina chegou com as tecnologias de comunicação e se implantou em estruturas sociais marcadas pela desigualdade econômica, pela prática autoritária de políticas populistas ou repressivas de regimes militares. O quadro da década de 80 é do avanço tecnológico que não pode ser detido, em meio a um contexto de crise: crise do velho autoritarismo e do Estado liberal-populista; crise profunda das velhas estruturas de poder oligárquico frente à expansão do capital em sua fase tecnológica mais avançada; crise das ideologias, dos valores, dos comportamentos e hábitos frente à rapidez das transformações. Década de transição marcada pela ausência de referência quando o velho já não vinga mas o novo ainda não se estabelece, tal como Gramsci definia as transições. Hoje, na América Latina os Estados parecem alternar formas de poder sem resolver sua estrutura econômica dependente e sem apresentar possibilidades de autonomia e criatividade política. Décadas, para não dizer séculos, de pobreza e arbitrariedades no mais profundo desrespeito aos direitos humanos de

sembocam numa crise ética que, em maior ou menor grau, assola o continente. A descrença nos valores de justiça social e liberdade, principalmente em sua viabilidade, mais do que nunca impõe, neste "fin-du-siècle", a necessidade de se encontrar fórmulas de pensar e agir politicamente, de modo a fazer renascer a utopia. Não para torná-la inacessível mas para que ela oriente a busca interminável do sonho democrático.

Para isso, um papel importante está reservado às comunicações e nesse sentido, todo esforço teórico de uma teoria democrática das comunicações vale pela opção renovadora: que as comunicações possam ser meio e fim do desenvolvimento democrático, assim como tem sido meio e fim da consolidação capitalista-autoritária.

NOTASNOVAS TECNOLOGIAS NA ERA DA TELEVISÃO:
TELEVISÃO TAMBÉM DA SAMBA

¹Sodré: 1, 99.

²Veja-se Fox, 1988, sobre as reformas da televisão no Peru, México, Chile e Venezuela, nos anos 70. No mesmo período, no Brasil, Colombia e Uruguai deu-se o que a autora chamou de casos de "não-reforma".

³Sarti, 1987. A tese aqui apresentada serviu de subsídio à pesquisa de Fox sobre a reforma da televisão na América Latina.

⁴Guimarães e Vieira.

⁵Idem.

⁶Idem.

⁷Idem.

⁸Senhor, 306, 27/01/1987 apud-

⁹New York Times, 12/01/1987 apud Almeida e Silva, 100.

¹⁰Veja, 13, 1985. O custo total do projeto foi de US 217.40 e

US 131. pelas estações de comando e controle. - Esta cifra não inclui os custos das estações terrenas, que estiveram a cargo de três empresas brasileiras (IPAL, 1986, 39 mimeo).

¹¹Robinson G. Caputo, dono da empresa Linear, há 7 anos no ramo. Veja, 13, 1985.

¹²"Parabólica Chic", O Globo, 18/03/1987.

¹³Idem.

¹⁴"Antenado com a modernidade internacional" Caderno de Domingo, Jornal do Brasil, 28/09/1986, # 78.

¹⁵"Parabólicas podem ser compradas em consórcio", Folha de São Paulo, 11/09/1988.

¹⁶Veja, # 13, 1985, 29.

¹⁷Priolli, 35.

¹⁸"Brasil é o quarto país do mundo a adotar TV estéreo". Folha de São Paulo, Caderno de Informática, 21/10/1987.

19 "A revolução da telemática", Jornal do Brasil, 18/10/1987.

20 "Sistema barateia transmissões televisivas", Folha de São Paulo, 21/10/1987.

21 "TV com endereço certo", Jornal do Brasil, 25/01/1988.

22 Decreto 95.744, de 23/02/1988.

23 "Decreto de Sarney autoriza funcionamento de TV a cabo", Jornal do Brasil, 24/02/1988.

24 Idem.

25 "TV com endereço certo", Jornal do Brasil, 25/01/1988.

26 Idem.

27 "Globo e Abril terão as primeiras televisões por assinatura do país". Folha de São Paulo, 04/09/1988.

28 "Reinventar a parafernália eletrônica". Folha de São Paulo, 07/12/1986. Os autores desse artigo especial para a Folha são Arlindo Machado, autor e professor de Comunicações (veja-se bi bliografia) e João Batista Breda.

²⁹Propaganda, 351, abril 1985, 23.

³⁰Idem 28.

³¹Idem 56.

³²Folha de São Paulo, 05/03/1985.

³³Folha de São Paulo, 06/03/1985.

³⁴Idem.

³⁵Guimarães e Vieira.

